



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

QUANDO RASTROS E VAZIOS SE CRUZAM: O ÁLBUM FOTOGRÁFICO COMO TERRITÓRIO DE CRIAÇÃO

WHEN TRAILS AND EMPTINESSES CROSS: THE PHOTOGRAPHIC ALBUM AS A CREATIVE TERRITORY

Rafaelle Ribeiro Rabello
PPGARTES-UFPA

RESUMO EXPANDIDO

O presente trabalho é um recorte da pesquisa de Doutorado, que está sendo desenvolvida na Linha de Poéticas e Processos de Atuação em Artes (PPGARTES-UFPA) e apresenta reflexões conceituais em torno do processo criativo que se desdobra poeticamente a partir da apropriação de um álbum de fotografia antigo de família. O álbum em questão, começa a ser observado como um espaço de sobreposições de tempo e espaço que desencadeia um movimento interno de pertencimento ao apresentar-se como um lugar de potência poética pelos indícios físicos que ali reside. Por meio da Realidade Aumentada ocupa-se os espaços vazios que o tempo deixou, seguindo os rastros e contando uma outra narrativa por meio de camadas visuais, textuais e sonoras, reconfigurando assim o álbum, que se expande e torna-se um espaço vivo de memória ativado pela experiência híbrida.

De posse de alguns arquivos de família, os quais me foram repassados há alguns anos, possuo hoje um acervo bem grande de fotografias incluindo desde as mais antigas até registros mais atuais. O acúmulo dessas memórias impressas revela traços de histórias da família de meus avós maternos, parentes distantes, demais familiares com maior proximidade afetiva e a minha própria história. É, no entanto, um álbum fotográfico, o mais antigo de todos, que começa a despertar em mim um forte sentimento de pertencimento de um tempo e de um espaço que eu não fiz parte. O álbum (Figura 1), segundo relatos de minha mãe, é datado de aproximadamente os anos 1970, mas dentro dele, comporta uma sobreposição de tempos múltiplos que trazem rastros de histórias, recortes de tempos e uma narrativa alinear apresentada pela disposição das fotografias nas páginas.

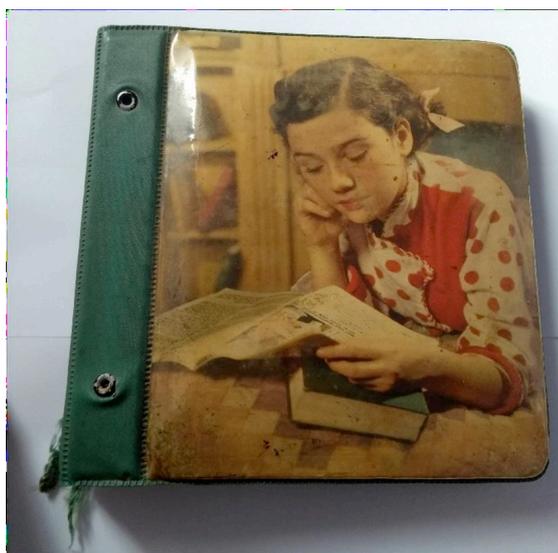


Figura 1: Álbum antigo de Família
Acervo Particular

Lembro-me vagamente deste álbum na infância. Minha avó sempre o deixava na estante da sala ou em algum lugar acessível para que quem quisesse, pudesse folheá-lo. Mas é somente na adolescência que comecei a criar algum tipo de vínculo com ele. Adorava folhear suas páginas e observar tantos rostos desconhecidos naquelas fotografias amareladas e desgastadas pelo tempo. Ele guardava um mistério e isso me chamava atenção. Lacunas e vazios sempre fizeram parte dele. Algumas páginas permaneceram intactas e vazias, sem nenhuma intervenção. Outras, com o tempo, tiveram suas fotos arrancadas e se descolaram, deixando vestígios de que aquele espaço fora outrora ocupado pela imagem de alguém ou alguma coisa. A memória material remanescente neste álbum traz histórias de parentes e pessoas que não conheci, e daqueles que mantenho até hoje laços fortes de amor e ternura.

A maneira de encarar a presença da ausência e ao mesmo tempo a ausência da presença me provocava um movimento interno de querer cada vez mais pertencer aquele espaço. Foram inúmeras as vezes que me aproximei deste álbum e sempre me inquietava as lacunas e vazios que ele manifestava em sua narrativa. Mas, foi há pouco tempo, por uma súbita sensação de pertencimento aquele espaço, que comecei a preencher o seu “silêncio” e me tornar parte daquele espaço. Venho chamando este ato de movimento poético da autoficção. Este conceito é amplamente discutido no livro *Ensaio sobre a autoficção* organizado por Noronha (2014) e atravessa e minha pesquisa como um conceito operatório que compreende um movimento que se dá por meio da apropriação de um objeto, intervindo-o de maneira poética, do qual me torno um personagem ou me manifestando subjetivamente na narrativa fictícia. Para tanto, articulo-me entre a linguagem fotográfica e demais recursos operacionais que os dispositivos móveis me possibilitam, afim de recriar o espaço em mesclas com o passado e o contemporâneo em um movimento de mistura de memórias.



O álbum carrega os efeitos do tempo sobre o material. Seu próprio manuseio lhe causou mutilações. Hoje, apresenta treze páginas totalmente vazias, incluindo aquelas onde as fotos desapareceram e aquelas que nunca foram interferidas; sete páginas que contêm outras imagens, mas que apresentam rastros de ausência material de uma fotografia que ali pertencia; três páginas soltas e um fragmento do que foi um dia uma página completa. O álbum apresenta-se como um espaço desconstruído pela ação do tempo e de sujeitos e através do movimento poético aciono uma série de acontecimentos, sobrepondo tempos e espaços distintos ao inserir arquivos fotográficos, vídeo, texto e sonoridade que ativam este lugar como um organismo vivo revelando uma nova experiência com a memória.

O processo de reconfiguração desse espaço é acionado exclusivamente por vias digitais. Uma vez que o álbum representa, para mim, um patrimônio material, não me sentiria confortável de realizar uma intervenção física no objeto. O que foi ali deixado pelo tempo e pela ação de sujeitos, representam camadas importantes de memória que atribuem ao objeto um conjunto de elementos subjetivos que o ativam como um corpo vibrante. O processo de intervenção poética no álbum é acionado a partir da Realidade Aumentada por meio do aplicativo *HP REVEAL* ao integrar os elementos digitais em sobreposição aos elementos físicos. Dessa experiência híbrida (ANDERS, 2003) saltos temporais são permitidos, espaços vazios se revelam e imagens se hibridizam por camadas subjetivas de informações perceptivas tais como a visual, textual e sonora. A ideia de movimento poético da autoficção surge justamente por trazer produções fotográficas de minha autoria em mescla com as fotografias já presentes no álbum. Esse cruzamento de autorias que se desdobra na apresentação de uma outra narrativa, onde me incluo ora como personagem presente, ora como agente oculto, me possibilita transitar o encadeamento da memória e me sentir pertencente aquele espaço-tempo.



Figura 2: Visualização por dispositivo móvel utilizando *app HP Reveal*

Dentro do álbum vou construindo um encadeamento de cenas e ambientações que representam para mim uma atmosfera imersiva nas narrativas que não vivi. Para este pequeno espaço de memória vazia, existe uma latência de acontecimentos. Destarte, através desses rastros físicos reconfiguro a narrativa acessando arquivos



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

peçoais diversos, incluindo fotografias e vídeos de minha autoria, assim como demais fotografias que hoje fazem parte de meu acervo pessoal.

Ao querer penetrar em um passado que não foi meu, acionando camadas subjetivas, de informações produzidas no interstício da realidade e ficção que a fotografia me permite, vou percebendo o álbum para além de um espaço de memória, mas como um lugar de experiência que se abre e se mostra disponível a intervenções. A imagem fotográfica em diálogo com inúmeros recursos auxiliares me mostra um segredo – ela abre o caminho para outros lugares. Lugares que se revelam ao olhar fotográfico em mesclas com espaços e que nos permite conhecer e acessar outras realidades. Esse novo universo que se desdobra, sai de sua condição latente e se desvela em multiplicidades espaço-temporais.

É desse súbito revelar, que me permito adentrar no visceral dessas configurações imagéticas que vão surgindo. Interfaces de afeto que surgem do movimento poético da autoficção, entre pausas, retornos e do fluxo entre o artista e pesquisador.

Palavras-Chave: Fotografia; Realidade Aumentada; Poética; Autoficção; Cíbrido

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

Referências Bibliográficas

ANDERS, Peter. Ciberespaço antrópico: definição do espaço eletrônico a partir das leis fundamentais. In: DOMINGUES, Diana (org.). **Arte e Vida no século XXI: Tecnologia, Ciência e Criatividade**. São Paulo: UNESP, 2003.
NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). **Ensaio sobre a Autoficção**. Belo Horizonte: UFMG, 2014